



"Eles sentiram o gosto do sucesso", diz Thomas-EL sobre a equipe de xadrez que formou.

LIVRO DO MÊS

jogada de mestre

Como um professor faz todos os movimentos certos – e ajuda a transformar alunos em campeões

POR SALOME THOMAS-EL
COM CECIL MURPHEY

FOTOGRAFADO POR MICHAEL AHEARN

O COMEÇO DE UM SONHO

EM 1994, EU ESTAVA COM 30 ANOS, era professor numa escola do empobrecido centro de Filadélfia e enfrentava um grande problema: o basquete. Não que eu tivesse algo contra o esporte – longe disso. Mas, como professor de matemática na Escola Fundamental Roberts Vaux, eu precisava superar os esportes e chegar à mente das crianças que freqüentavam minhas aulas. Era a única maneira que eu conhecia de ajudá-las a sair das raias da pobreza e do desespero em direção ao sucesso no colégio, o que poderia impulsioná-las à faculdade e à oportunidade de uma nova vida.

O basquete, porém, estava sempre no caminho. Era quase uma obsessão coletiva: alguns meninos iam à escola somente para jogar. Alguns eram verdadeiros atletas, excelentes jogadores. Encaravam o esporte como uma porta de saída dos conjuntos habitacionais e sonhavam em se tornar profissionais e jogar no Philadelphia 76ers. No entanto, a maioria buscava um sonho que jamais alcançaria. Eu conhecia aquele sonho; eu mesmo o havia perseguido quando criança. Entretanto, muito poucos chegavam ao estrelato. Que alternativas haveria para eles quando o basquete não fosse mais uma opção? Eu queria que a garotada fosse tão ou mais esperta do que se mostrava nas quadras, que desenvolvesse capacidade crítica e aprendesse a tomar decisões acertadas. A universidade não podia ficar em plano secundário, mesmo para quem ainda cursava a escola fundamental.

Eu também sabia o que era isso. Cresci numa família de nove pessoas – oito filhos e minha mãe, Doris –, nos conjuntos habitacionais de Filadélfia. Quando eu tinha uns 3 anos, meu pai, William Thomas, separou-se de minha mãe e saiu de casa. Embora eu tenha me acostumado à ausência dele, doía o fato de meu pai não estar ali para me ensinar a jogar basquete, para assistir às peças da escola ou participar das formaturas. Lembro-me de olhar um mar de rostos durante os eventos escolares, esperando que ele chegasse no último minuto, esperando vê-lo sorrir, orgulhoso de mim.

Isso nunca aconteceu.

Deixei as mágoas para trás e me concentrei nos estudos. Minha mãe – e alguns excelentes professores – foi uma das responsáveis por isso. Ela sempre me dizia que eu teria sucesso, que poderia ser o que quisesse, desde que me esforçasse. Ela improvisava uma escola em nossa casa, aos sábados, para as crianças do bairro que precisavam de ajuda. Graças em grande parte a

ela, consegui uma bolsa para a East Stroudsburg University e me formei professor.

Os alunos da Vaux concentravam toda a energia no basquete. Eu precisava descobrir um meio de fazê-los usar a mente, e volta e meia me ocorria o xadrez. Por mais improvável que pareça nesta era de televisão, *videogame* e computador, a Vaux já contara com um programa de xadrez muito bom. Nos anos 70, tinha uma equipe de competição e ganhou seu primeiro campeonato nacional de escolas fundamentais em 1977. Depois, venceu mais seis torneios até 1983 – um recorde que nenhuma outra escola fundamental dos Estados Unidos conseguiu bater. A rede de televisão pública fez um filme inspirado na experiência dos jogadores, chamado *The mighty pawns* (Os peões poderosos).

Uma noite, levei o filme para casa. Deitado no sofá, notei que o xadrez exigia atletas – atletas mentais. Afinal, era um jogo de conceitos algébricos. Existem 64 casas no tabuleiro, e cada casa representa uma coordenada num plano. O jogo ensinava habilidades analíticas e extrema concentração. Jogar xadrez poderia ser a forma de meus alunos – que, como todos nós, querem ser aceitos e valorizados – receberem a atenção pela qual ansiavam. Em circunstâncias propícias, as crianças poderiam ser conhecidas e admiradas por toda a comunidade, exatamente como os atletas.

Assisti mais uma vez ao vídeo. Eram alunos da 6^a à 8^a série, com idades entre 12 e 14 anos – crianças, na verdade. Os rostos brilhavam de orgulho e emoção. Será que um novo programa de xadrez na Vaux conseguiria instilar mesmo que um pouco daquele entusiasmo? Quando levei a idéia ao diretor, Harold Adams, ele me disse apenas: “Vá em frente.”

Quando falei sobre o time de xadrez

com o diretor, ele me disse: “Vá em frente.”

ANIMAÇÃO GERAL

COMO JOGADOR DE XADREZ, eu ficava pouco acima da média. Meu irmão George havia me ensinado a jogar nos tempos de colégio, mas não o bastante para vencê-lo. Apesar de ter progredido, eu ainda precisava de aju-

da. Agora, queria que os alunos aprendessem xadrez e se tornassem jogadores mais hábeis do que eu. Queria que o céu fosse o limite para eles.

Como sabia que um dos pais era excelente no xadrez, decidi me encontrar com Ishmael AL-Islam. Aos 36 anos, ele trabalhava meio expediente na Vaux, tinha dois filhos estudando lá e com frequência me ajudava no Segunda Chance, programa de aprendizagem alternativo que eu conduzia

**Sem
dizer uma
palavra,
armamos**

**o jogo.
A sala
ficou em
silêncio.**

numa sala do subsolo. Embora no princípio a sala fosse escura e cheirasse a mofo, nós a havíamos transformado num segundo lar, claro e movimentado, para alunos que se comportavam mal e precisavam de atenção extra. Muitos meninos prosperavam no programa graças à influência de Ishmael. Se não estava presente, as crianças perguntavam por ele. Por ser tão estimado, ele era a pessoa de que eu precisava.

- Tenho um plano - disse a Ishmael. - Quero que os alunos joguem xadrez bem o suficiente para competir em nível nacional. Você estaria disposto a me ajudar a formar uma nova equipe?

Ishmael poderia ter ficado - talvez devesse ter ficado - surpreso com meu pedido. Ainda nem tínhamos uma equipe. Mas ele

apenas sorriu e respondeu:

- Estou sempre pronto a ajudar no que for preciso.

Era tudo que eu desejava ouvir.

Eu tinha de encontrar um meio de despertar nas crianças o desejo de jogar xadrez, e até mesmo fazê-las implorar para entrar na equipe. Se eu me limitasse a anunciar a formação de um time, imaginei que apareceriam poucos candidatos. Não era o que eu queria. Em publicidade e relações públicas, fala-se muito em criar necessidades. Foi isso então que Ishmael e eu decidimos fazer. Criaríamos uma necessidade nas crianças - e elas viriam a nós.

Um dia, Ishmael e eu entramos no refeitório levando cinco jogos de xadrez. Sentamo-nos, pusemos quatro tabuleiros numa mesa próxima e

abrimos o quinto. Sem dizer uma palavra, começamos a arrumar as peças. A sala ficou em silêncio. Pouco tempo depois, alguém perguntou:

- Vocês vão jogar xadrez?

Nenhum de nós respondeu. Ishmael e eu começamos a jogar, ignorando as crianças. Àquela altura, meia dúzia já nos cercava. Um ou dois meninos começaram a nos dizer como agir. Continuamos jogando como se fôssemos os únicos na sala.

- Eu venço o senhor - disse um aluno a Ishmael.

- Eu ganho do Sr. EL. Meu pai me ensinou - garantiu outro.

- Vocês têm de fazer silêncio enquanto eles jogam - repreendeu-os um garoto.

Permanecemos calados, sem nem sequer demonstrar que lhes notávamos a presença, e continuamos a jogar.

- O senhor não é muito bom, Sr. EL - afirmou uma menina.

Ela estava certa, mas tentei ignorá-la. Outro aluno começou a rir.

- Até eu ganho dele.

De repente, algumas crianças começaram a perguntar: "Por que não podemos jogar?" "Posso jogar?"

Era o momento pelo qual eu vinha esperando. Elas haviam passado da curiosidade ao interesse.

- Mostrem do que são capazes - propus.

Logo todos os tabuleiros estavam armados e quatro crianças começaram a jogar partidas simultâneas contra mim e Ishmael. Àquela altura, uns 50 meninos cercavam as mesas, torcendo pelos amigos e criticando minhas jogadas. Era melhor do que eu havia imaginado. Embora Ishmael e eu tenhamos vencido as partidas - ele com mais facilidade do que eu -, eu estava certo de que, se as crianças comessem a treinar a sério, não demoraria muito para que me derrotassem. E derrotar um dos professores faria com que sentissem orgulho de si mesmas. Isso levantaria a autoestima geral e faria com que pensassem: *Talvez eu seja inteligente. Talvez eu seja especial.*

Olhei ao redor e perguntei:

- Vocês querem aprender a jogar?

Os alunos ficaram alucinados, gritando:

- Queremos!

- Se querem aprender, podemos ensinar a vocês - eu disse. - Aqueles

que jogaram hoje vão poder se aprimorar. Ishmael e eu vamos organizar uma equipe de xadrez, e quem quiser poderá se inscrever. Não é necessário saber jogar para fazer parte do time.

- Quando começam as inscrições? - um coro de vozes perguntou.

- Logo, logo - foi tudo que respondi.

Antes, eu queria atíçar um pouquinho mais as vontades. Naquele momento, porém, eu tive certeza: o renascimento do programa de xadrez na Vaux havia de fato começado.

AS FACES DO JOGO

DURANTE DIAS, na hora do almoço, armamos os tabuleiros e jogamos por 45 minutos - tempo de que os alunos dispunham para comer. Os que sabiam jogar tomavam a frente. Jogavam enquanto os outros assistiam.

- Não dá tempo - reclamavam, quando o sinal tocava.

- Espere aí! Não tive tempo de comer! - resmungou Shaun Snyder, da 6ª série. Ele havia jogado durante todo o intervalo e se esquecera de entrar na fila do almoço. O gerente do refeitório lhe deu uma refeição para viagem.

- Assim não dá tempo de aprender - reclamou outro menino. - Eles ficam jogando e não me ensinam!

Era hora do passo seguinte.

- Vocês podem aprender depois da aula - sugeri -, se estiverem dispostos a ficar mais uma hora.

- Se eu vier, posso aprender a jogar? - perguntou outro garoto.

- Claro - respondi.

Naquela tarde, quando chegaram à sala do subsolo, armei os tabuleiros e lhes dei apenas algumas instruções: "Quando perderem, voltem e pensem nos erros que cometeram. Tentem descobrir como poderiam ter se saído melhor. Se fizerem isso, podem virar campeões." Estávamos nos preparando para jogos sérios. Fiz cartazes e os pendurei nos corredores: "Você quer jogar xadrez? Quer aparecer na televisão, nos jornais e no rádio? Quer melhorar suas notas?"

Desde o primeiro encontro, tivemos um bom quórum - melhor do que eu esperava. Imaginara uns dez alunos. Havia o dobro.

Uma de nossas primeiras jogadoras importantes foi uma menina alta e bonita da 6ª série chamada Kenyetta Lucas. Era simpática e inteligente, mas nada sabia de xadrez quando chegou. Aliás, ela não foi para a minha



**Chineta Haines e Kenyetta Lucas,
duas das melhores jogadoras.**

turma jogar xadrez. O professor de apoio de Kenyetta pedira demissão no segundo dia de trabalho. Não havia disciplina na sala de aula; os alunos gritavam e faziam bagunça. Quando o diretor me pediu que ajudasse a acalmar a situação, aceitei o encargo e logo fiquei conhecendo todos os alunos da turma. Kenyetta se sobressaía por suas habilidades matemáticas e pela rapidez em assimilar combinações e configurações algébricas. Ela não só queria aprender, como exigia desafios.

Depois de falar com seus pais, transferimos Kenyetta para a mi-

nha sala, a fim de que ela pudesse passar a maior parte do dia comigo. Foi uma das primeiras a se inscrever no programa de xadrez e logo se tornava uma jogadora muito dedicada.

A cada aula chegavam novas crianças. “Aprendam a se imaginar no tabuleiro”, dizia eu. “Pensem nas decisões que tomarem.” Às vezes eu fazia analogias com o esporte. Falava de Michael Jordan, que, evidentemente, era o herói dos alunos. Explicava que, de todas as peças, a rainha era a mais parecida com Jordan: poderosa, versátil, a jogadora mais valiosa. Eu reforçava os princípios básicos: protejam seu rei. Dominem as casas do centro. Certifiquem-se de que todas as peças estão defendidas. Ishmael ensinava outros princípios, táticas de defesa e aberturas. Os alunos decoravam tudo e começavam a ensinar os outros. Conversavam sobre estratégias de xadrez no tempo livre, durante o almoço e na sala do subsolo. Era nítido o crescimento de sua autoconfiança.

Naquela primeira temporada, deixamos as crianças competir umas com as outras e organizamos torneios internos para eleger os cinco melhores jogadores. Chegamos a participar de alguns jogos contra outras escolas de Filadélfia, mas não entramos em nenhuma competição séria. Ainda não. Eu queria que os meninos estivessem prontos. Enquanto isso,

via-os sorrir e esquecer os problemas do mundo externo, onde o crime e as drogas eram um convite aberto.

PÉ NA TÁBUA

EM JUNHO DE 1995, pouco antes do término das aulas, Ishmael e eu fizemos uma reunião com as crianças e revelamos nosso objetivo. “No ano que vem queremos competir em nível nacional. Isso significa que vamos viajar para outras cidades.” Eu não só queria motivá-las a pensar grande, como também que continuassem treinando durante as férias. Decidimos abrir a escola nos dias úteis. Alguns alunos apareciam só dois dias por semana. Outros vinham todos os dias em que estávamos lá. Quando as aulas recomeçaram, estavam prontos para participar dos torneios. Nossa primeira meta era o campeonato da cidade. Precisavam sentir o gosto da vitória antes de ir para o nível estadual ou nacional.

No início, imaginei que teria de motivá-los e pressioná-los. Para minha surpresa e alegria, não foi preciso. As crianças começaram a acreditar que conseguiriam. “Sabe, Sr. EL? Sou mesmo bom nisso”, disse Willow Briggs, aluno da 7ª série, com um sorriso enorme. Willow havia progredido muito em pouco tempo e sua segurança crescente repercutia no desempenho escolar. Logo outras crianças avaliavam suas habilidades no xadrez e também reconheciam que tinham talento.

Naquele ano, a equipe jogou contra adultos da comunidade e alguns professores. Os alunos venceram a maioria das partidas. Que maravilha para o ego quando derrotavam um professor! Durante dias eu ouvia falar sobre a vitória. Depois começaram a ganhar de mim. Um deles me disse: “Sr. EL, o senhor deve ser o homem mais inteligente da Terra, e eu o venci!”

Das 900 crianças matriculadas na Vaux naquele ano letivo, 40 estavam jogando xadrez competitivamente. E elas se tornaram líderes, verdadeiros exemplos para as outras. Cerca de 200 alunos jogavam antes das aulas, na hora do almoço e depois da escola. Os colegas os olhavam com admiração e respeito. Acho que os grandes atletas da Vaux não recebiam mais atenção do que nossos jogadores de xadrez. Eles eram astros.

A fim de nos prepararmos para o campeonato da cidade, treinávamos todos os dias. Começamos o ano letivo de 1996 competindo com outras escolas de Filadélfia. “Acabamos com eles!”, disse um jogador, e ele tinha razão. À exceção do Masterman, que atraía os melhores alunos da cidade,

derrotamos todos os outros colégios. Os alunos da Vaux moravam em conjuntos habitacionais ou no centro empobrecido da cidade: eram “carentes”, como diriam os chamados especialistas. Os pais de algumas crianças do Masterman pagavam aulas de xadrez, e um dos pais era até mestre no jogo. Não, não conseguiríamos derrotar o Masterman.

Nas finais do torneio, éramos uma das quatro escolas competindo. Nossos alunos jogaram muito bem e acabaram na semifinal, proeza que outros instrutores haviam considerado impossível.

Todo mundo, exceto nossa equipe, achava que uma escola conhecida como Alternative Middle Years (AMY) nos venceria e jogaria contra o Masterman. Mantive o sorriso no rosto e tentei não trair nenhum nervosismo. Não queria perturbar os meninos. Talvez se eu continuasse animado e repetindo que podíamos vencer, eles acreditassem em mim.

– Vocês vão conseguir – garanti.

Willow Briggs entendeu a mensagem.

– Se o Sr. EL diz que podemos vencê-los, é porque podemos – disse ele às outras crianças.

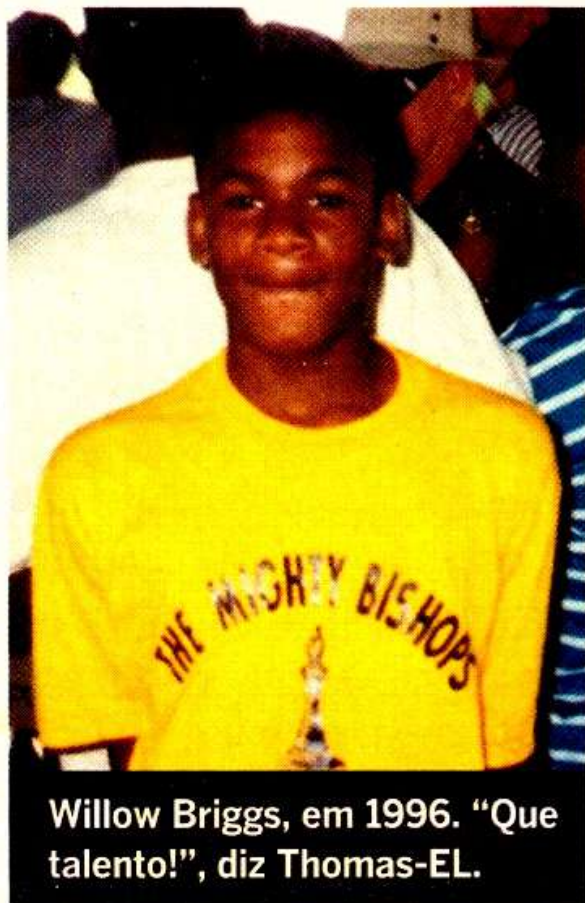
E elas concordaram.

Tínhamos cinco jogadores contra a AMY; uma era Kenyetta Lucas. E quando vencemos por quatro a um – apenas um dos nossos jogadores perdeu a partida –, senti vontade de pular. Embora tenhamos perdido para o Masterman, os alunos já sentiam o gosto do sucesso e percebiam que tinham ido longe. Mas ainda havia estradas a trilhar.

UM VÔO MAIS ALTO

EMBORA O XADREZ FOSSE IMPORTANTE, não era tudo. Eu procurava enfatizar para as crianças que o jogo era um modo de expandir a mente, de ajudá-las a superar os obstáculos que tivessem de enfrentar na vida. Eu insistia que mantivessem notas altas para entrar em boas escolas secundárias e ter a chance de ingressar em universidades importantes. Tudo era uma questão de poder ter escolhas na vida, eu frisava.

Mais de uma vez os alunos foram treinar na minha casa. Espalhavam-se à mesa da sala enquanto minha mulher, Shawna, preparava o jantar para todos. Eu sabia que para alguns deles o xadrez oferecia o único momento de estabilidade e alegria do dia. Shawna, que trabalhava no departamento de admissão de uma faculdade, também entendia isso. Jamais reclamou de



Willow Briggs, em 1996. "Que talento!", diz Thomas-EL.

os alunos freqüentarem nossa casa ou de telefonarem, nem mesmo se eu os levava em casa quando ficava muito tarde. Com o coração das crianças voltado para o trabalho escolar e o xadrez, o mínimo que eu podia fazer era garantir que chegassem em segurança, sobretudo no inverno, quando escurecia cedo.

O campeonato estadual era um evento de dois dias que ocorria em março na Bloomsburg University, a cerca de 250 quilômetros de Filadélfia. Eu queria que a equipe participasse, mas tínhamos um problema sério: falta de dinheiro. Como eu não fazia idéia de como angariar fundos, comecei simplesmente

a pedir. Escrevi a pessoas da comunidade, igrejas e estabelecimentos comerciais. As secretárias do colégio conseguiam os endereços e os alunos faziam os envelopes. Também mandei cartas a todos os ex-alunos da Vaux que consegui localizar, apelando para o sentimento de lealdade que talvez nutrissem pela escola. As pessoas responderam com generosidade. Às vezes recebíamos 5 dólares, às vezes 100. Por fim, levantamos dinheiro suficiente para alugar uma *van*. A viagem era um passeio incrível para a maioria dos jogadores, que jamais havia saído dos limites de Filadélfia.

As crianças iam jogar cinco vezes na competição, independentemente de vitórias ou derrotas. Os juízes elegeriam os campeões com base no número total de partidas ganhas – um ponto para cada vitória. Com quatro jogadores por equipe, isso significava que a pontuação máxima a que a equipe poderia chegar era de 20 pontos. Na primeira rodada, nossos quatro jogadores venceram. Quando entramos na segunda rodada, éramos os primeiros colocados.

Como os outros instrutores no campeonato, Ishmael e eu aguardávamos num saguão externo enquanto as crianças jogavam. O clima era tenso durante a espera dos resultados. Um a um, os meninos saíram de cabeça baixa. Haviam cometido alguns erros, em parte porque não tinham a mesma experiência de outras crianças. Então, Willow Briggs apareceu.

Não falou nada, apenas seguiu andando, as lágrimas correndo pelo rosto. “Está tudo bem”, tentei confortá-lo, abraçando-o. “Não tem problema. Você deu o melhor de si, e estou orgulhoso de você.”

A equipe desanimou com o resultado: na nossa divisão, tínhamos ficado em quarto lugar. Decidi que era hora de reavivar os ânimos. Chamei todos para uma conversa.

- Isto aqui não é o fim - disse. - Não vamos parar agora. A equipe vai para o campeonato nacional.

- Nós? No campeonato nacional?

- Isso mesmo - garanti, e estava falando sério.

Naquele ano o campeonato nacional de xadrez de escolas fundamentais aconteceria em Kissimmee, Flórida. Eu não fazia idéia de como pagaríamos as despesas, mas pensaríamos nisso mais tarde.

- Antes, temos de voltar à escola e aprimorar nosso jogo - avisei. - Todos vocês se saíram muito bem, mas agora têm de se sair ainda melhor.

Pouco depois de chegarmos, publicaram um artigo sobre a equipe num dos jornais de Filadélfia. Aquilo foi muito importante. O dinheiro começou a brotar - a maior parte, em quantidades pequenas. Em seguida à publicação do artigo, o canal de televisão KYW-TV entrou em contato comigo a fim de fazer uma reportagem também. Para nossa surpresa, mandaram Ukee Washington, um dos repórteres de TV mais conhecidos da cidade. “Quero ver se esses meninos são bons mesmo”, brincou ele. Sorri e sugeri que descobrisse jogando.

Eu sabia que a entrevista com Ukee responderia a muitas das minhas preces. Precisávamos de dinheiro para a viagem à Flórida e, se nossos jogadores o impressionassem, a matéria poderia nos ajudar a chegar lá. Havia também outra questão: eu queria que todo mundo soubesse que aquele seria o retorno da Vaux aos campeonatos nacionais após quase 15 anos.

**No saguão,
o clima
era muito
tenso**

**durante
a espera
dos
resultados.**

Ukee acabou se revelando excelente jogador. Sentou-se diante do tabuleiro e desafiou Charles Mabine, um forte jogador da 6ª série. Charles derrotou-o em cinco lances. Depois que a matéria foi ao ar, recebemos milhares de dólares em doações. Uma fundação de Minnesota enviou 3 mil dólares. Fiquei tão entusiasmado que telefonei para agradecer pessoalmente. Falei com uma mulher que explicou que seus pais haviam sido alunos da Vaux.

Conseguimos chegar a Kissimmee graças à publicidade local e às doações. Willow só não venceu dois de seus jogos. Aliás, ele terminou entre os 50 melhores jogadores de nossa divisão. Foi nosso primeiro jogador a ganhar um troféu individual em competição nacional. O troféu era maior do que ele. Como equipe, ficamos em 13º lugar na divisão. O entusiasmo das crianças por estarem entre as melhores no xadrez me inspirava a dar passos maiores por elas. Aquele era apenas o começo, eu sentia.

ESPALHANDO A NOTÍCIA

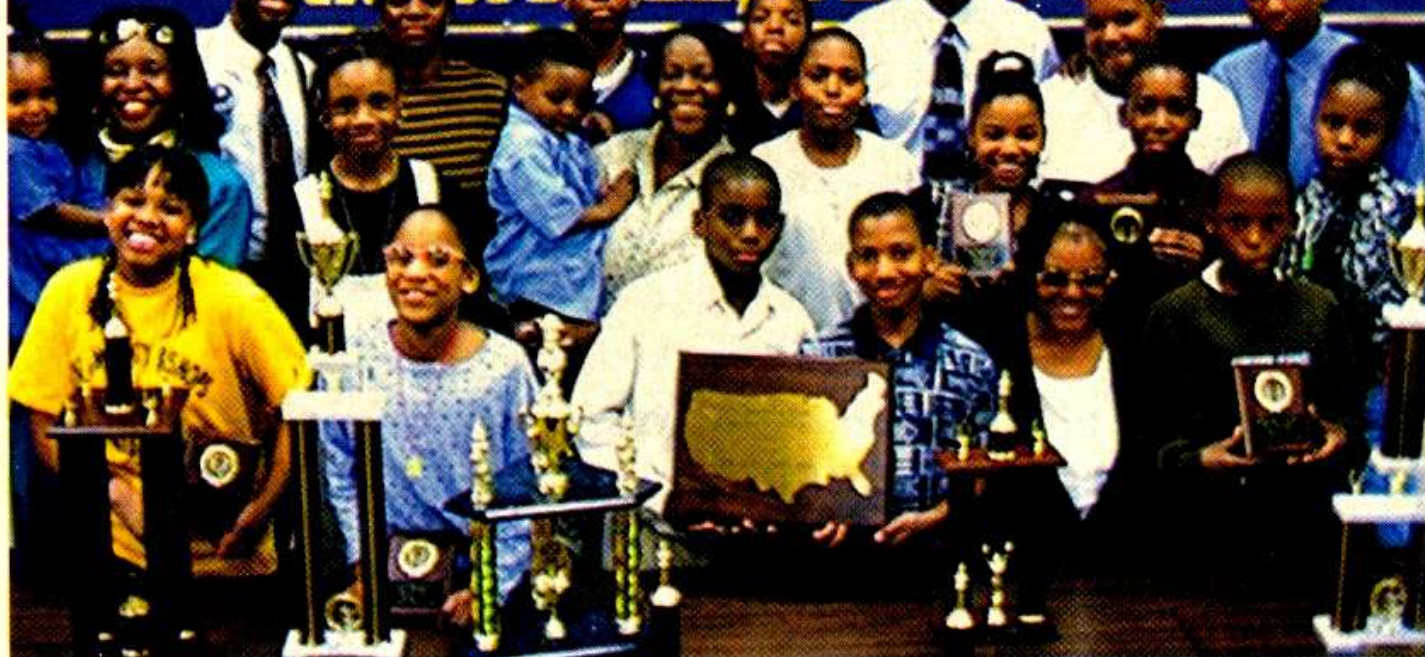
NO COMEÇO DE SETEMBRO DE 1996, nosso time de xadrez estava à procura de novos integrantes. Embora tivéssemos perdido Kenyetta Lucas e Willow Briggs, quando ambos passaram para a escola secundária, um aluno da 7ª série chamado Demetrius Carroll já se mostrava uma bela promessa. Criado pela madrasta e pela meia-irmã, era um dos meninos mais inteligentes do colégio. Eu sabia que havia grandes vitórias reservadas para ele.

Quase todos os dias, as crianças treinavam das 15 às 18 horas. Para ganhar experiência antes dos campeonatos estadual e nacional, participaram de diversos torneios avançados, inclusive do Campeonato Americano de Equipes Amadoras do Leste, em New Jersey. A prova mais árdua para Demetrius foi durante a rodada final. Quando começou o jogo, fiquei irritado por vê-lo enfrentar um jogador mais velho, de nível quase profissional. *Ele é só um menino*, eu não parava de pensar. Mantive-me atrás dele para não distraí-lo. A certa altura, se ele fizesse determinado movimento com a torre, obrigaria aquele jogador fortíssimo a sacrificar sua rainha – ou perder.

Demetrius fez a jogada certa. *Isso não pode estar acontecendo*, pensei. *Ele é um iniciante; só participou de uns poucos torneios.*

O adversário olhava fixamente o tabuleiro, em estado de choque. Por fim, ele fez sua jogada. A mão de Demetrius tremeu ao tomar a peça mais

ROBERTS VAUX MIDDLE SCHOOL SUPER NATIONAL SCHOLASTIC CHESS CHAMPIONS IN KNOXVILLE, TENN. 1997



poderosa de seu oponente. O rapaz tornou a avançar e, no último lance da partida, Demetrius decidiu correr o risco. Ignorou o chamariz do adversário – uma torre – e concentrou-se em ganhar. Com as peças de Demetrius sufocando o rei, não havia jeito de o oponente vencer.

Instantes mais tarde, o rapaz desistiu. A sala se encheu de gritos de alegria. Quem poderia imaginar que um menino de 13 anos, do centro pobre de Filadélfia, seria capaz de derrotar um jogador daquele nível? Foi uma vitória fantástica, e a equipe recebeu diversas homenagens em nossa divisão.

Em fevereiro e março de 1997, participamos dos campeonatos da cidade e do estado, ficando no segundo lugar da divisão em ambos. Mais importante, os meninos haviam se tornado astros. Quando levavam prêmios e troféus para Filadélfia, em toda parte as pessoas perguntavam: “Vocês são do time de basquete?”

Em abril veio o campeonato nacional, no centro de convenções de Knoxville, Tennessee. “Concentrem-se no jogo e aprendam tudo que puderem”, aconselhei. Fretamos um ônibus. Com alunos de duas escolas vizinhas somávamos 45 pessoas, 12 adultos e 33 crianças.

Para a equipe vencer o campeonato nacional, eles tinham de ganhar todas as partidas da final – e assim foi.

Tão logo o jogo teve início, começamos a ganhar. No fim do primeiro dia, estávamos em primeiro lugar. Depois de cada rodada, eu telefonava para Filadélfia e contava ao diretor da escola e aos pais como vínhamos nos saindo, e eles espalhavam as notícias. Durante as cinco primeiras rodadas, de sexta-feira a sábado, tivemos tanto êxito que o *News-Sentinel* de Knoxville nos botou na primeira página do jornal.

Domingo, na sexta rodada, começamos a cair. Um de nossos jogadores mais fortes, Earl Jenkins, perdeu uma partida que considerávamos como vitória certa. Quase todo mundo da equipe perdeu o sexto jogo. Demetrius foi o único que não se deixou derrotar em nenhuma partida do torneio. Dos 4.200 competidores, menos de 50 podiam se vangloriar disso. Ainda assim, havíamos caído para o quarto lugar. “Só temos uma chance”, avisei ao pai de um aluno. “Todas as crianças precisam vencer todos os jogos da rodada final.” Mesmo assim, alguns grandes adversários também teriam de perder.

Chegou o momento tão esperado da partida final. Ao avançar entre as mesas, notei que nossos alunos estavam vencendo. “Ganhei! Ganhei!”, gritava uma criança atrás da outra ao correr para me abraçar.

Meia hora depois, saíam os resultados. Pelo microfone, uma voz anunciou: “Parabéns à Escola Fundamental Roberts Vaux, de Filadélfia! Seus alunos são os novos campeões da divisão!” Todos começaram a pular, gritando e chorando. Eu sempre soubera que meus alunos eram vencedores. Agora todo mundo sabia.

Hoje, Salome Thomas-EL é diretor da Escola Elementar Reynolds, em Filadélfia, onde implantou novos programas de leitura, matemática e – sim, senhor – xadrez. Ele e a mulher, Shawwna, têm uma filha, Macawi. A família mora em Filadélfia.

SEM CHANCE

Em seu aniversário de 35 anos de casamento, meu pai nos contou que logo no início da vida em comum disse à minha mãe: “Eu tomo as grandes decisões; você toma as pequenas.” Depois de um momento de silêncio, ele acrescentou, com ironia:

– Em 35 anos, não houve nenhuma grande decisão.

JEAN GUILLEMETTE, Canadá